

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO: UMA EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO

PEDAGOGICAL COURSE PROJECT: AN EXPERIENCE IN CONSTRUCTION

Lucas Fehr¹, Angélica Benatti Alvim¹, Viviane Manzione Rubio¹, Antonio Aparecido Fabiano Jr.¹

RESUMO:

Este artigo apresenta reflexões sobre o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) que tem como desafio o processo de ensino-aprendizado participativo e interativo entre seus agentes para atuarem em um mundo complexo, conflituoso e diverso. Defende que a formação em Arquitetura e Urbanismo deve aliar capacitação técnica e raciocínio científico e crítico com vistas a resolver velhos e novos problemas, de modo transdisciplinar – multi e interdisciplinar. A partir de necessárias abordagens para atuação e enfrentamento no mundo contemporâneo, o artigo se organiza a partir de três eixos que orientaram, também, a construção do PPC: 1. o enfrentamento da formação do estudante em sujeito político reflexivo técnico-científico e profissional, 2. a intersecção das “caixinhas” orientando a experiência e estruturação do estudante por uma trama construída por (i) eixos aglutinadores que favorecem a intersecção de conteúdos e saberes; (ii) ateliês e estúdios integrados misturando conteúdos, abordagens e práticas e (iii) linhas de atravessamento transversais, eventos que costuram novas formas de produção do conhecimento e 3. as temáticas, os contextos integradores e as experiências que extrapolam as práticas em atividades além das salas de aula, que visam direção ao caminho da extensão. Neste ambiente, propicia-se o florescimento de novas atitudes estudantis, que preconizam um papel mais ativo na construção coletiva, não só da escola, mas da sociedade em constante formação, dentro de um quadro geral complexo em permanente transformação, no qual a tecnologia e os desequilíbrios constituem uma temática constante e mutante, na busca por um outro e necessário sentido de mundo para todos nós.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de Arquitetura e Urbanismo; formação universitária; ensino, pesquisa e extensão; FAU-Mackenzie.

ABSTRACT:

This article presents reflections on the Pedagogical Project (PPC) that is challenging the participatory and interactive teaching-learning process between its agents to act in a complex, conflicting and diverse world. It advocates that training in architecture and urbanism should combine technical training and scientific and critical reasoning with a view to solving old and new problems, in a transdisciplinary – multi and interdisciplinary mode. From the necessary approaches to operations and coping in the contemporary world, the article is organized from three axes that also guided PPC's construction: 1. The coping of the student's training in political-scientific and professional reflective subject, 2. The intersection of the "boxes" by guiding the student's experience and structuring by a plot built by (i) agglutinating axes that favor the intersection of contents and knowledge; (ii) Ateliers and integrated studios mixing contents, approaches and practices and (iii) transverse crossing lines, events that sew new forms of knowledge production and 3. The themes, integrated contexts and experiences that extrapolate practices in activities of the classrooms, which target direction to the path of extension. In this environment, the flowering of new student attitudes, which advocate a more active role in collective construction, not only from the forming school, but of the society in constant training, within a general framework in permanent transformation, in which technology and Imbalances constitute a constant and mutant theme, in the search for another and necessary sense of the world for all of us.

KEYWORDS: Architecture and Urbanism teaching; university education; teaching, research and extension; FAU-Mackenzie.

How to cite this article:

FERH, L.; ALVIM, A. T. B.; RUBIO, V. M.; JR FABIANO, A. A. Projeto pedagógico de curso: uma experiência em construção. **Gestão & Tecnologia de Projetos**. São Carlos, v17, n2, 2022. <https://doi.org/10.11606/gtp.v17i2.190462>

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie

Fonte de Financiamento:
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Conflito de Interesse:
Declaro não haver.



PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO: UMA EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO

Este artigo¹ apresenta reflexão acerca da experiência de ensino e aprendizagem que tem como base a discussão, o desenvolvimento, a aplicação e a contínua revisão do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie), São Paulo². Busca, criticamente, evidenciar possibilidades outras à formação acadêmica, ancorada no tripé ensino, pesquisa e extensão, considerado central das matrizes de pensamento e proposição participativa e ativa deste importante documento. O artigo se estrutura em cinco partes: 1. o mundo que temos – sobre o enfrentamento do espectro dos desafios atuais, 2. desafios do ensino: a escola que queremos – ancorado no anúncio de bases norteadoras dos desejos construídos coletivamente, 3. a construção coletiva da nova trama – na apresentação do método proposto, 4. as experiências que transbordam – na explanação das atividades que saem dos muros da escola e ganham aplicações e construções no mundo além-universidade e 5. alguns passos percorridos – na revisão para o entendimento dos avanços e de suas limitações.

O MUNDO QUE TEMOS

O emparelhamento entre a expansão da educação, muitas vezes entendida como negócio, e a precarização da formação profissional são revelados pelo anúncio do cruzamento entre os registros sobre os cursos de Arquitetura e Urbanismo no país – dados oficiais do Ministério da Educação (MEC) em 2019 apontam entre 650 e 780 cursos de Arquitetura e Urbanismo, 65 deste total públicos; das quais mais da metade se instalam no estado de São Paulo e 25% na capital (MEC, 2019) – e a pesquisa extensamente divulgada de que 85% dos brasileiros que constroem não contratam arquitetos urbanistas e/ou engenheiros (CAU/BR, 2015). Tal imbricamento corrobora e acentua, por vezes, as desigualdades na reprodução socioespacial que o ensino deveria combater, por meio da instrumentalização e da formação crítica reflexiva.

Essa revelação nos coloca em frente à busca do próprio sentido de formação atual de arquitetos urbanistas, formação que se intensificou com o *boom* imobiliário do início do século XXI, como verificado pelos dados do Sistema do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia e pelos Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia (Confea/CREA)³ e do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU). Estes apontam que, em 2019, o Brasil possuía 368.930 engenheiros civis graduados e com registro profissional ativo, e 202.588 arquitetos urbanistas em condições de exercer a profissão (SANTOS, 2021). Do total de arquitetos urbanistas, 11.930 se formaram no ano de 2018, um crescimento de 8% em relação ao ano anterior (CAU/BR, 2019a). Os arquitetos urbanistas se distribuíam nas seguintes atividades profissionais concomitantes: Projetos de Arquitetura (87%), Arquitetura de Interiores (68%), Execução de Obras (64%), Projetos Complementares (49%), Gestão e Consultoria (30%), Paisagismo

¹ O artigo tem origem nas reflexões do memorial do concurso MOSTRA e PRÊMIO NACIONAL TODOS OS MUNDOS UM SÓ MUNDO. ARQUITETURA 21. Categoria Práticas Pedagógicas. 27º Congresso Mundial de Arquitetos – UIA2021RIO. União Internacional de Arquitetos. Rio de Janeiro, 2021.

² Lucas Fehr e Angélica Benatti Alvim na ocasião da elaboração deste Projeto Pedagógico exerciam as funções de Coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo e Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, respectivamente.

³ O chamado sistema Confea/CREA é o conjunto formado pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e pelos Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia (CREAs) que atua de forma associada com o objetivo de “zelar pela defesa da sociedade e do desenvolvimento sustentável do país, observados os princípios éticos profissionais” (CONFEA, c2021, s/p.).

(28%), Serviço Público (23%) (CAU/BR, 2019b), onde 20% dos profissionais recebem de 3 a 5 salários-mínimos e 22% menos que 3 salários-mínimos (CAU/BR, 2019b). Na prática, temos os números alargados de profissionais ancorados em espaço de reprodução dos modos de fazer tradicionais, celebrando as iniciativas individuais, em ações de oportunidade e empreendedorismo, porém distanciando-se do lugar de construção crítica de outra e necessária ordem.

Como consequência, uma vez que a construção da autonomia crítico-intelectual não é regida pelo interesse coletivo, observa-se como obstáculo aos novos profissionais a busca de alternativas que vislumbram experiências possíveis de realidade emancipatória, tanto no plano da produção material quanto intelectual.

A partir destes e de tantos outros conflitos, é preciso apostar na necessária articulação entre Universidade e ações que tangem e buscam avanços sociais, como ferramenta de superação da contradição entre produção privada de mercado, agenciamentos e práticas socioespaciais que possam contribuir para a constituição de um movimento de mudança, onde a sociedade urbana pensada apenas como produto deve dar lugar à sociedade urbana como obra coletiva (LEFEBVRE, 1981).

Atesta-se, diante da produção financeira do espaço e da construção intelectual, o entendimento da discussão sobre o nosso lugar – o lugar do arquiteto urbanista –, por meio de práxis na formação do estudante que se transforme em um ser político técnico-científico. Reconhece-se, portanto, que a Arquitetura e Urbanismo é um instrumento privilegiado de discussão capaz de ser utilizado para construir uma hipótese factível para dar forma a um mundo inclusivo. Tal instrumento se apresenta como possível construção de paisagem para a vida (ROLNIK, 2019), a partir da proposição e percepção de espaços como territórios de falas e de escutas, capazes de propiciar vocações de conquistas coletivas.

A busca, portanto, por uma (ou muitas) experiência(s) de construções de hipóteses que visam pensar e repensar o lugar da formação acadêmica como instrumento de direito à vida, a partir da prática indissociável de pesquisa, ensino e extensão, direciona a discussão e a produção de outras práticas pedagógicas, que se apresentam como ferramenta para a contribuição à conquista coletiva da condição urbana contemporânea. É essa condição que imprime investigação teórica e prática, analítica e crítica ao lugar de discussão da prática pedagógica, visando promover reflexão acerca da formação do estudante como possível instrumento de garantia de direitos na, para e sobre a cidade.

A hipótese de como a Arquitetura e Urbanismo pode contribuir na definição da construção e produção do espaço, como atividade socialmente necessária e transformadora de emancipação imanente, é o que se espera da formação do arquiteto urbanista, idealizada pelas interações ambiente-espaço-sociedade, à luz do pensamento *freireano* (FREIRE, 2002).

A formação e a atuação técnico-científica e profissional do arquiteto urbanista nas condições históricas atuais enfrentam, no mínimo, o desafio de compreender a dinâmica da organização espacial na contemporaneidade com vistas à contribuir na produção material e imaterial do espaço construído que redefine a postura controladora do homem moderno, em relação ao meio como forma de construir uma realidade social e um discurso que funciona de forma inclusiva. Reconhece-se, deste modo, a necessária consolidação de uma prática de formação capaz de catalisar imanes horizontes, sendo o lugar da Universidade o importante pólo de conhecimento aberto a novos saberes populares e eruditos, por meio de participação e construção com outros agentes (HOOKS, 2017). Trata-se de apresentar uma ferramenta de formação, reflexão e novas proposições que se estendam para fora dos muros da Universidade como construção de alternativas no confronto com a realidade cada vez mais desigual.

Considerando a Resolução número 7, publicada dia 18 de dezembro de 2018 pelo Conselho Nacional de Educação/Ministério da Educação, que estabelece diretrizes para a curricularização da extensão na educação superior brasileira, parece necessário que a formação dos estudantes deva ter, em seu escopo, o enfrentamento da realidade e dos embates inerentes ao processo de aprendizado, no qual a apropriação do conhecimento se dá por meio da aproximação sucessiva a amplos contextos, intrínsecos aos objetos e objetivos de estudo da Arquitetura e Urbanismo. Assim, baseadas no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão, a experimentação, a fundamentação e crítica constantemente se realinham, de forma indissociável e articulada, em uma trama organizada na amplitude, na horizontalidade e na complementaridade dos conhecimentos e das ações de vida que cabe a todos nós.

Coloca-se, portanto, como desafio a ser pensado e formulado, que a construção da formação estudantil deve ser imbricada à constituição do sujeito reflexivo, capaz de exercer sua liberdade de pensamento e ação (CHAUI, 2014), por meio de práxis que orienta a experiência em processos de formação do ser político técnico-científico. Tendo como tema e perspectiva o alargamento democrático, de maneira a motivar ações na vida cotidiana das cidades, reconhece-se nas possibilidades de espaços de vida a serem constituídos, pensados, idealizados e conquistados, possibilidades outras em oposição ao mundo que, cada vez mais, se constrói e se destrói de forma desigual. O modelo de reflexão na ação de Donald Schön (2000) fornece base para a reflexão conjunta entre professores e alunos, sobre significados e abertura para o novo que se apresenta, a cada ano, de forma mais necessária.

A reformulação do PPC do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie, São Paulo, sinteticamente apresentado, teve como desafio a implementação de um processo de ensino-aprendizado integrado, participativo e interativo entre seus agentes: estudantes, professores, comunidade acadêmica e sociedade. Baseado na aproximação, integração e fusão das disciplinas, buscou alcançar um desenho que oriente a formação do estudante em um ser político técnico-científico, sendo o projeto de Arquitetura e Urbanismo a espinha dorsal não somente do curso, mas da reflexão da produção prático-teórica, sobre qual o futuro profissional deve ser capaz de construir as bases que apontem métodos de projeto e atuação (SALAMA, 2009).

Da grade enrijecida constituída pelos antigos e seccionados departamentos e suas caixas de demandas, problemas e potencialidades pragmaticamente separados, nasce a trama construída por (i) contextos aglutinadores, sem limites definidos, que favorecem a intersecção de conteúdos e saberes; (ii) ateliês e estúdios integrados misturando distintos conteúdos, abordagens e práticas; (iii) e linhas de atravessamento transversais e eventos que costuram e promovem novas formas de produção do conhecimento. O desenho destes cruzamentos entre contextos integradores, estrutura dos ateliês e estúdios e as ações transversais pode ser visualizado pela Figura 1.

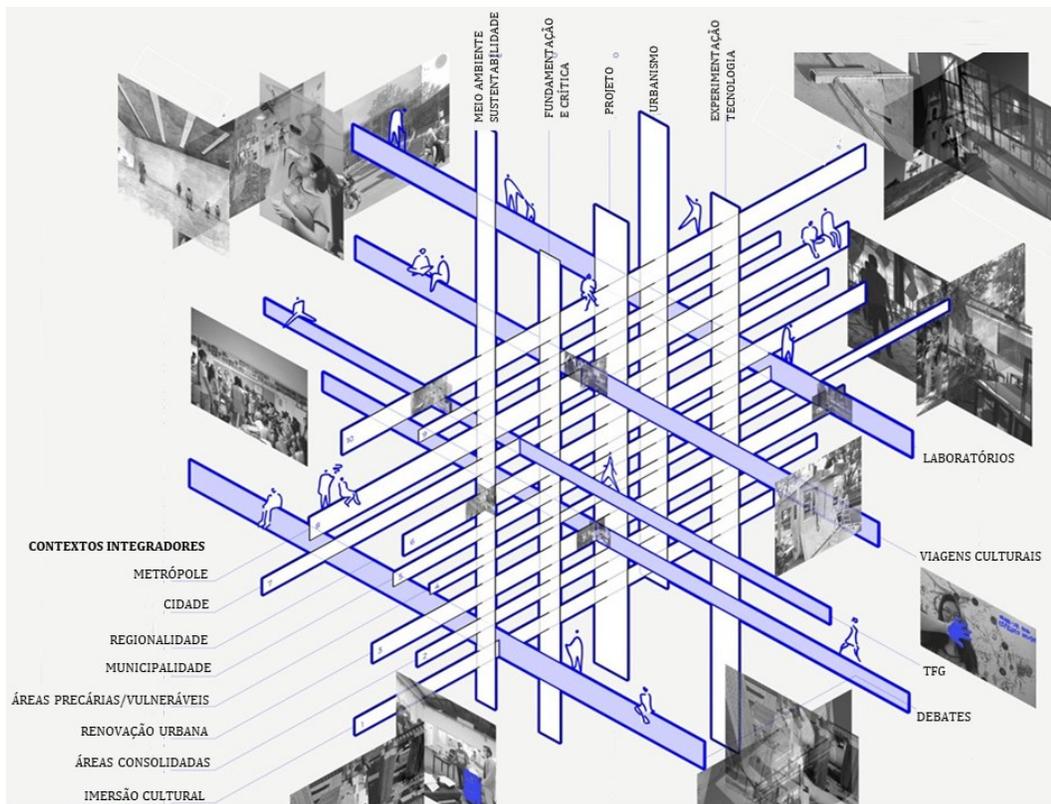


Figura 1. Trama proposta

Fonte: FEHR et al, 2021.

Nesta trama, duas premissas são fundamentais: 1. as etapas deixam de ser conjuntos estanques e passam a ter uma articulação permanente, comprometida com o campo do pensamento e com as efetivas e necessárias atitudes e atividades extensionistas e 2. a progressão do aprendizado deixa de estar contida em um único núcleo de conhecimento, e adquire um caráter transdisciplinar – multi e interdisciplinar – com a incorporação de suas interfaces com outras ‘disciplinas’ e áreas do conhecimento. Neste contexto, florescem novas atitudes estudantis, que preconizam um papel mais ativo na construção coletiva do curso e da sociedade, ambos em constante formação.

Isso tudo colocado dentro de um quadro geral em permanente transformação, com contextos que se alteram rapidamente e em um único mundo, diverso e complexo, no qual a tecnologia e os desequilíbrios sociais e ambientais constituem uma temática constante no vislumbre de novas bases de esperança para o planeta. Defende-se que um sistema integrado de conhecimento é uma possível saída para a identidade humana, face à fragmentação e complexidade de conteúdos que constroem também os saberes, no reconhecimento da compreensão do projeto como um elemento de articulação no âmbito da complexidade (MORIN, 2005). Tal elemento se apresenta como uma aposta no entendimento do território e na construção da paisagem atrelada ao fazer coletivo, através da exploração de possibilidades de diálogo, onde falar e ouvir só tem sentido quando este processo é impulsionado por todos e para todos.

DESAFIOS DO ENSINO: A ESCOLA QUE QUEREMOS

Entramos na terceira década do século XXI, onde as transformações das cidades e da sociedade apresentam cenário complexo com inúmeros desafios para os profissionais de todas as

gerações, principalmente para futuros arquitetos urbanistas. Estas transformações e suas especificidades devem ser centrais nas práticas didático-pedagógicas dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, contribuindo para a formação de profissionais que atuam no cenário das cidades mundiais.

Para Alvim (2017), novas questões emergem no campo profissional na área de Arquitetura e Urbanismo, as quais se entrelaçam com a complexidade e com os problemas da realidade das cidades brasileiras. A intensa urbanização do século XX decorre do desenvolvimento industrial e tecnológico exponencial que têm os centros urbanos como ponto estratégico. No entanto, na atualidade, as cidades são simultaneamente lócus de oportunidades, de qualidade de vida, de desigualdades e exclusão socioespaciais. Nas palavras da autora:

Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) indicam que em 2030 mais de dois terços da população mundial residirá nas cidades (UN-HABITAT, 2016). Tal fato poderia ser motivo para comemoração, já que as cidades são os centros do desenvolvimento econômico, das oportunidades, da cultura, entre outros tantos atributos que representam a vida urbana. No entanto, as mesmas estimativas apontam para um mundo urbano em franco aumento de desigualdade e exclusão. (ALVIM, 2017, p. 347)

No contexto brasileiro, apesar da expressiva redução do crescimento demográfico, a acelerada expansão da ocupação do território das cidades tem se dado de modo fragmentado e sem o acompanhamento da infraestrutura urbana adequada. O processo de urbanização no país demorou três séculos para ocorrer, iniciado no século XVIII e consolidado a partir do meio do século XX em um contexto urbano-industrial, resultando em enormes mudanças na morfologia e expansão das cidades e na distribuição da população pelo território nacional (SANTOS, 2009). Em poucas décadas os dados dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmam tal mudança: em 1940 tínhamos 41.236.315 das pessoas vivendo na área urbana, com uma taxa de 31,34% da população e, em 2010, chegamos a uma população de 160.925.792 milhões de habitantes residindo nas cidades, totalizando 84,36% da população (IBGE, 2010).

Um levantamento divulgado em 2020 pelo IBGE, realizado, inicialmente, para preparação da operação do Censo Demográfico 2020, registra no Brasil mais de 5,1 milhões de domicílios em condições precárias. Na comparação com o Censo de 2010, mais que dobrou o número de aglomerados subnormais, bem como o número de municípios em que eles são encontrados: em 2010, havia cerca de 6,3 mil aglomerados distribuídos em 323 municípios e em 2020 a soma superou 13,1 mil.

Este aumento expressivo da população de assentamentos precários indica que temos ainda um outro grande desafio, além do déficit habitacional: a busca por equacionar o passivo socioambiental ao atendimento à moradia, à infraestrutura urbana e ao saneamento ambiental. Portanto, a intensificação das áreas degradadas são temas emergentes e com os quais arquitetos urbanistas se defrontarão cada vez mais no futuro.

Aliam-se aos problemas mencionados tantos outros como as questões ligadas à mobilidade urbana, ao uso das novas tecnologias e materiais, ao envelhecimento da população, às mudanças climáticas e à necessária assistência técnica às populações desassistidas (ALVIM, 2017). Neste contexto de enormes desafios e das complexidades impostos pela sociedade contemporânea, o PPC 2017 da FAU-Mackenzie se apresenta como instrumento que se propõe à permanente atualização e constante revisão destes temas e principalmente, das distintas abordagens que envolvem suas áreas de conhecimento, tanto nos seus componentes curriculares encontrados na graduação e na pós-graduação, quanto nas suas inúmeras atividades de pesquisa e de extensão.

As atualizações das ações pedagógicas ocorreram sem perder de vista as especificidades de cada saber, particularmente aquelas que envolvem a reflexão para e sobre o projeto, em suas múltiplas escalas de atuação. O trânsito de escalas variadas pensado de forma concomitante como método projetual revela, não somente a vontade de se aproximar de novas forças produtivas sociais, mas também de construir conjuntamente a elas. Isso nos leva a formulação de uma reterritorialização da práxis política (NEGRI; GATTARI, 2017), não como um retorno a universalização, mas como um reconhecimento das condições dos múltiplos corpos, lutas e desejos comuns que, como instrumentos, fazem o território.

O desafio na atualidade é a interação entre teoria e prática para atuar em um contexto amplo, que abranja desde o edifício à cidade, considerando as dimensões social, cultural, técnica, econômica e estética.

A reflexão dos professores passa pela construção reflexiva dos alunos (SCHÖN, 2000) e por isso entende-se que é necessário formar cidadãos aptos a se posicionarem tecnicamente e criticamente às demandas sociais, articulando teoria e prática, exigindo a construção de novas e criativas soluções e comprometidas com o papel social do campo de conhecimento da Arquitetura e Urbanismo. Estudantes e futuros profissionais devem receber, portanto, ao mesmo tempo, formação técnica e humanista, para que sejam capazes de entender e atuar frente a complexidade do mundo contemporâneo (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2017).

Este posicionamento nos traz, permanentemente, o questionamento sobre o papel e a abordagem pedagógica das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo diante do desafio de preparar novos profissionais.

Longe de dar conta da complexidade dos temas aqui apresentados, algumas ações são fundamentais para um processo permanente de aprimoramento dos cursos e das atividades de uma faculdade de Arquitetura e Urbanismo, tais como aponta Alvim (2017, p. 357-359):

- adequação dos componentes curriculares, quando possível, às temáticas contemporâneas e aos avanços tecnológicos;
- incentivo à inter e à transdisciplinaridade, necessárias para a renovação das práticas e dos processos de ensino-aprendizagem, integrando componentes curriculares, práticas e teóricas, atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão;
- promoção da pesquisa aplicada como alternativa de proposição direta nos segmentos público e privado;
- utilização de novos instrumentos no processo de ensino-aprendizagem em que a experimentação seja protagonista;
- ampliação das relações com a sociedade, de forma a ampliar o alcance das áreas de conhecimento em direção às camadas excluídas da sociedade, contribuindo também para a promoção de cidadania e formação de novos talentos;
- proposição de novos meios para melhorar a inserção social, promovendo diálogo mais amplo entre teoria e prática, como instrumento de aproximação entre os distintos campos de conhecimento e a sociedade;
- maior aproximação ao mercado e às demandas crescentes da sociedade;
- valorização da formação continuada dos professores de Arquitetura, Urbanismo e Designer;
- consolidação da internacionalização, permeando as diversas áreas de conhecimento e níveis de formação;

- fortalecimento das instâncias de representação da Escola – órgãos colegiados, grupos de trabalho, representantes docentes e discentes, Congregação – de forma a envolver diversos atores na formulação e na implementação de ideias e concretização das ações;
- reforço os valores éticos e cidadãos no desenvolvimento das habilidades, competências e atitudes dos estudantes, para que sejam profissionais éticos, criativos e que contribuam para suas áreas de atuação.

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA NOVA TRAMA

A incorporação de novos instrumentos de atividades complementares ao processo de ensino-aprendizagem, extrapolando a grade curricular, como os Tópicos Especiais (cursos extracurriculares de ensino, pesquisa e/ou extensão); a intensificação do uso dos laboratórios, dos projetos de extensão, a participação dos estudantes nos Grupos de Pesquisa e como ouvintes nas disciplinas da Pós-Graduação, aliadas a várias atividades organizadas conjuntamente com o Diretório Acadêmico, a exemplo da Semana Viver MetrÓpole – SVM – em Arquitetura, Urbanismo e Design criada em 2003 e a Semana de Integração – SI, baseada no ateliê vertical, (criada em 2016), fortaleceram a abordagem interdisciplinar e permitiram ampliar o protagonismo estudantil na FAU-Mackenzie, reforçado com a criação de outras entidades estudantis como o Escritório Modelo Mosaico (2004) e o Coletivo Feminista Zaha (2016).

A partir de 2020 (já em atividades síncronas remotas por conta da pandemia)⁴, foram criadas as Oficinas de Contextualização e Extensão, atividades realizadas na primeira semana de curso. Incorporada por todos os componentes curriculares, as atividades têm como fio condutor os contextos integradores, seus territórios e agentes sociais, com participação ativa, de modo a instigar os alunos a debater diferentes abordagens propositivas. O intuito é que, a partir desses tensionamentos iniciais, que nortearão as ações integradas entre os componentes curriculares de cada etapa do curso, os alunos possam, ao longo do semestre, desenvolver trabalhos que desencadeiam leituras cruzadas entre os componentes, além da criação de necessário retorno aos agentes envolvidos.

O PPC aqui apresentado foi elaborado em 2017 no âmbito do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso com ampla participação e envolvimento dos professores e estudantes de todas as etapas do curso, organizados em Grupos de Trabalho, Diretório Acadêmico, Colegiado de curso e coordenações acadêmicas. Tais encontros foram feitos tanto nos âmbitos dos pequenos grupos citados, como em reuniões abertas e de debates coletivos realizados entre professores, alunos e funcionários.

Em um movimento de superação de fragmentação e compartimentação e dos departamentos no processo de formação, iniciado com a revisão do PPC em 2003 e suas atualizações em 2006, 2008, 2010, e 2013, a estruturação em eixos temáticos, passou a orientar a construção da grade

⁴ Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou como pandemia a transmissão da Covid-19 (SARS-CoV2.). Passados quase dois anos, no final de novembro de 2021, segundo dados da JHU CSSE COVID-19 Data, no mundo somam-se mais de 258 milhões de casos e 5,15 milhões de mortes e, no Brasil, 22 milhões de casos e 613 mil mortes. Entre o início da pandemia e novembro de 2021 as aulas na Universidade Presbiteriana Mackenzie (assim como na maioria das instituições de ensino do país) foram ministradas de forma remota conforme autorização do MEC. Para o enfrentamento do problema, a UPM estabeleceu o Regime Excepcional de Contingência (REC) definindo orientações gerais para os cursos à luz de suas especificidades. Na FAU-Mackenzie os cursos foram ministrados de forma síncrona por meio de ferramentas tecnológicas diversas combinando criatividade e trabalho colaborativo entre todos os envolvidos.

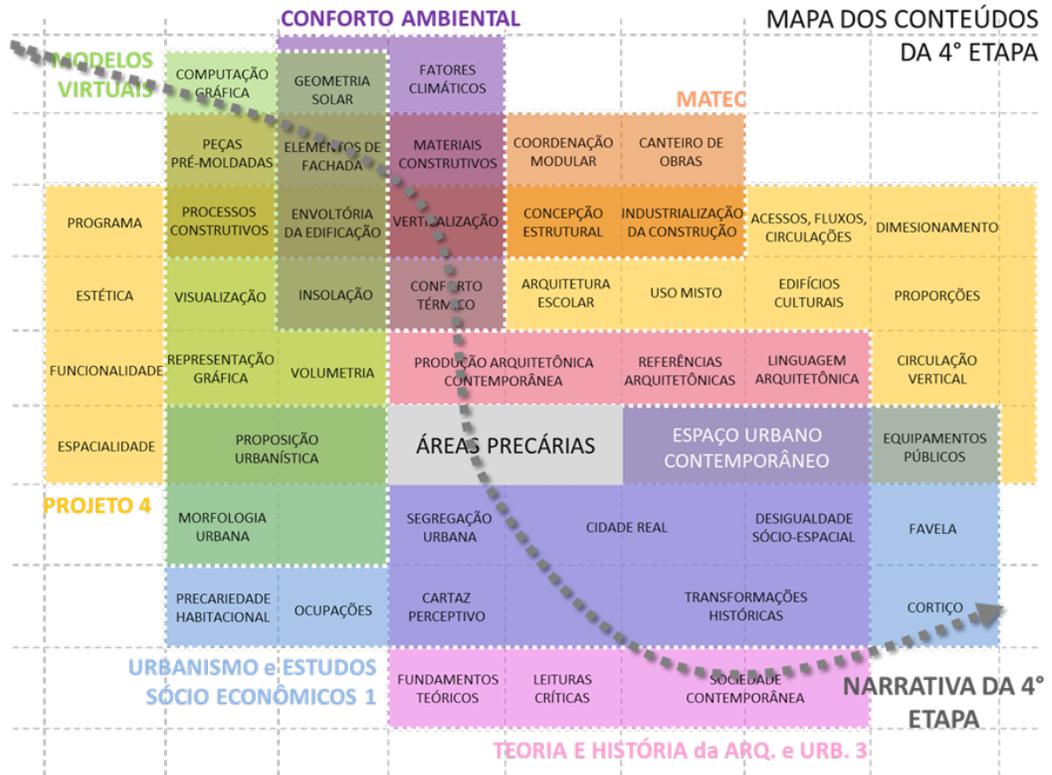
curricular e as práticas pedagógicas em: (i) os Eixos Horizontais; (ii) os Eixos Verticais; (iii) os Eixos Transversais. Apesar de partirmos de um aprimoramento de PPCs anteriores, com destaque para o PPC 2013 (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2013), a reforma de 2017 radicalizou em suas proposições, estabelecendo fusão de disciplinas em componentes curriculares integrados – práticas/técnicas/teóricas – reduzindo-os a uma média de cinco por etapa, funcionando todos de maneira articulada sob a coordenação de um Grupo de Trabalho (GT) em eixos temáticos, integrado por professores e estudantes. Desta forma os GTs constituem-se em um espaço de permanente debate sobre as ações e encaminhamentos da integração proposta.

Os Eixos Transversais estabelecem as bases da organização do curso e são definidos por critérios de afinidade, especificidade e pela fusão dos conteúdos e atividades que dão forma à nova trama curricular. Tais bases fornecem a possibilidade de que cada eixo seja dinâmico e aberto a contribuições e visões de outras especialidades, capazes de propiciar constante atualização das temáticas e das ações relacionadas às pesquisas. Articulam os diversos componentes do curso, em ordem decrescente de aderência, de modo a garantir a transdisciplinaridade da Arquitetura e Urbanismo e de sua natureza profissionalizante e de fundamentação. São eles: Projeto; Urbanismo; Fundamentação e Crítica; Experimentação e Tecnologia; Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Os Eixos Verticais são definidos por critérios de complementaridade seriada, abordando os conteúdos programáticos estruturadores da formação do arquiteto urbanista. Envolvem os conteúdos sequenciais de Projeto de Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo, História da Arquitetura e Urbanismo, Patrimônio Cultural e Técnicas Retrospectivas, Expressão, Representação e Cultura, Teoria da Arquitetura e Urbanismo, Conforto Ambiental, Estabilidade das Construções, Materiais e Tecnologia da Construção, Topografia e Geoprocessamento, Sistemas Tecnológicos, Sistemas Prediais, Infraestrutura Urbana, Mecânica dos Solos, Estudos Socioeconômicos, Modelagem Física e Virtual, Arquitetura de Interiores. Como ilustração, a Figura 2 apresenta o esquema de integração de todos os componentes da quarta etapa e o possível diálogo dentro de cada especificidade.

Figura 2. Esquema da integração dos componentes da 4ª etapa.

Fonte: Elaboração Alexandre Hepner, professor da 4ª Etapa do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie, 2020.



Atualmente, os GTs dos Eixos Verticais e Horizontais constituem espaço de troca entre os componentes, tanto da etapa (Eixos Horizontais) quanto nos eixos disciplinares correlatos (Eixos Verticais) e, além de organizar a Oficina de Contextualização e Extensão, fazem conversas recorrentes para avaliar o desenvolvimento das atividades propostas.

Os Eixos Transversais visam propiciar a aproximação do estudante a conteúdos de forma integrada e simultânea, por meio de um conjunto de componentes curriculares que se desdobram em matérias e atividades práticas integradas e interdependentes. Reforça-se o entendimento da problematização simultânea e paralela como pedagogia a conduzir o estudante à formulação de sínteses teórico-práticas, baseadas no aprimoramento de sua capacidade crítica.

Sem limites estanques, os Eixos Transversais buscam estabelecer o espaço didático-pedagógico para o estabelecimento do diálogo e das trocas entre os vários instrumentos em que se organiza o ensino da FAU-Mackenzie. Sua implementação significou uma alteração estrutural e cultural na organização do ensino, pesquisa e extensão, superando a apropriação do conhecimento de forma fragmentada através de disciplinas herméticas.

SOBRE ORGANIZAR: TEMÁTICAS E CONTEXTOS INTEGRADORES

Com duração de cinco anos (10 etapas), o curso tem como estrutura componentes curriculares – que superam as antigas disciplinas – organizados nos ateliês e estúdios, bases da nova concepção pedagógica do curso ao integrarem os diversos eixos e campos disciplinares distintos fundidos em um mesmo ambiente de estudo, onde o conhecimento teórico é confrontado com problemas práticos do projeto. Apresentam como característica fundamental o fato de explicitarem no projeto, em suas diversas escalas compreendidas desde o edifício à cidade, a síntese de conhecimentos investigados nas diversas áreas do conhecimento integrantes pelo conjunto de componentes e demais ações pedagógicas do curso.

Os componentes curriculares estruturados em ateliês correspondem a 46% do curso, com proporção professor/estudante de 1/15. Aglutinam o caráter profissionalizante e reflexivo da atividade prática de projeto do arquiteto urbanista, onde o estudante experimenta situações e problemas semelhantes aos desafios enfrentados na profissão, realizando uma síntese integradora de conhecimentos orientados por professores das várias atividades, com acompanhamento individualizado no desenvolvimento dos exercícios. Os ateliês de projeto, presente da 1ª à 8ª etapa, conformam o corpo estrutural do curso, sendo organizado em: (i) atividades de formação específica, nas quais são ministrados e praticados conteúdos técnicos, teóricos, representação e experimentação laboratorial; (ii) atividade de projeto, na qual são desenvolvidos trabalhos reflexivos e práticos de projeto; e (iii) atividade de integração, na qual se somam os professores das atividades anteriores no ateliê, e o estudante tem a possibilidade de receber orientações conjuntas de professores de projeto e das demais áreas de formação específica. Envolvem conteúdos e professores de projeto, estrutura, construção, materiais, sistemas tecnológicos, sistemas prediais, infraestrutura urbana, representação gráfica, modelagem física e virtual, teoria e história da arquitetura e urbanismo.

Os componentes curriculares estruturados em estúdios são de caráter teórico-prático e correspondem a 50% do curso, com proporção professor/estudante de 1/25, integrando conteúdos teóricos e atividades práticas, bem como professores de urbanismo, paisagismo, teoria e história da arquitetura e urbanismo, estudos socioeconômicos, conforto ambiental e tecnologia.

Os componentes optativos são oferecidos nas 6ª, 7ª e 8ª etapas, com relação professor/estudante de 1/20, e tem o objetivo de possibilitar ao estudante um aprofundamento de conhecimentos específicos, podendo definir uma trilha de forma independente na sua própria formação, mas também permitindo, de acordo com o seu interesse, o contato com conteúdo diversos e a abordagem de problemáticas trabalhadas nos grupos de pesquisa.

Com o propósito de articular e integrar os ateliês e os estúdios, da primeira a oitava etapa é definido um tema norteador que agrega duas etapas (ou um ano de curso) e para cada etapa semestral um contexto integrador. Os quatro temas norteadores para cada ano do curso são:

- 1ª e 2ª etapas – Cultura: o estudante é estimulado a descobrir e estabelecer relações entre a Arquitetura e Urbanismo, sociedade e cultura geral.
- 3ª e 4ª etapas – Construção: enfatiza-se os aspectos construtivos e instrumentais da Arquitetura e Urbanismo.
- 5ª e 6ª etapas – Tecnologia: o estudante é instigado a pensar a tecnologia a partir de um raciocínio crítico e sistêmico.
- 7ª e 8ª etapas – Cidade: o estudante desenvolve trabalhos que considerem, no seu bojo, a complexidade, dinâmicas e potencialidades da cidade e da metrópole na contemporaneidade.

A introdução dos contextos de integração tem o propósito de desdobrar os temas em assuntos que deverão melhor orientar a integração entre ateliês e estúdios nas respectivas etapas, para o estabelecimento de seus conteúdos e ações didáticas conjuntas. Os contextos de integração serão periodicamente revistos de modo a promover um debate permanente na FAU-Mackenzie. No início de cada semestre, os Grupos de Trabalho por Etapa propõem as Oficinas de Contextualização e Extensão, na qual são estabelecidas as diretrizes integradoras gerais da etapa, com ações e eventos e o envolvimento de todos os componentes da etapa. No momento, os contextos integradores definidos adotados pelo curso são:

- 1ª Etapa – Imersão cultural no universo da Arquitetura e Urbanismo

- 2ª Etapa – Áreas urbanas consolidadas
- 3ª Etapa – Áreas urbanas em processo de renovação
- 4ª Etapa – Áreas de precariedade e vulnerabilidade social
- 5ª Etapa – Municipalidade
- 6ª Etapa – Regionalidade
- 7ª Etapa – Cidade
- 8ª Etapa – Metrópole

O Trabalho Final de Graduação (TFG), instituído em 2003 como base deste movimento transformador, envolve as duas últimas etapas (9ª e 10ª) e fortalece o projeto integrador. Representa a síntese, elaborada pelo estudante, dos conhecimentos, dos conteúdos, e práticas adquiridos ao longo do curso. Entendido ainda como um processo formativo, abriga o desenvolvimento de uma pesquisa que subsidia um projeto individual, e por este é instigada. A partir de conteúdos inerentes a um projeto consciente e comprometido com questões sociais, tecnológicas, estéticas e éticas, os trabalhos buscam estudar aspectos arquitetônicos, urbanísticos, paisagísticos dentro de uma estrutura abrangente. O trabalho de projeto é entendido por ações mútuas e sucessivas de aproximação, sendo o aluno agente protagonista e organizador desse processo. Por meio das quatro atividades integradas os estudantes são acompanhados por professores oriundos dos diversos eixos constituintes do curso:

- Orientação Acadêmica: exercida por docente escolhido pelo estudante, para o desenvolvimento da pesquisa, auxiliando-o a formular a conceituação e os conteúdos pertinentes a temática do seu trabalho, com clareza de objetivos, articulando-as com as demais atividades.
- Exercício Projetual: tem por objetivo orientar o estudante na elaboração do ensaio propositivo de projeto, relativo ao tema escolhido e, conseqüentemente, ao objeto de estudo.
- Fundamentação e Crítica: contempla o aprofundamento teórico-conceitual das questões relativas a aspectos concernentes ao edifício, cidade, território, sociedade e ao comportamento ético do futuro profissional.
- Experimentação: caracteriza-se por experimentações suscitadas pelo tema e projeto, com apoio dos laboratórios, relacionando elementos essenciais do projeto e território.

Vale ressaltar que os TFG da FAU-Mackenzie são constantemente premiados em vários concursos, como por exemplo no concurso nacional Opera Prima, onde a escola é premiada desde a primeira edição, em 1988⁵.

Os processos avaliativos são parte integrante do processo de ensino e, por conseqüência, de aprendizagem, fazendo com que, em cada fase concluída, o percurso e os resultados obtidos pelo aluno sejam apresentados pelo professor de modo detalhado e contextualizado. Cada componente curricular, dentro de suas especificidades, define os necessários instrumentos de avaliação concernentes às suas práticas didático pedagógicas e seus conteúdos. Considerando o carácter prático dos ateliês e estúdios, é proposta do curso avançar nos processos de avaliação integrados, por meio dos quais, um mesmo trabalho discente aborda conteúdos de

⁵ Tanto o TFG quanto o PPC da FAU-Mackenzie, ora apresentado, foram premiados no concurso MOSTRA e PRÊMIO NACIONAL TODOS OS MUNDOS UM SÓ MUNDO. ARQUITETURA 21. Categoria Práticas Pedagógicas. 27º Congresso Mundial de Arquitetos - UIA2021RIO. União Internacional de Arquitetos. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.uia2021rio.archi/FINAL_PRATICAS_PEDAGOGICAS_UIA.pdf acesso 2021 12 14

mais de um Componente Curricular. Neste sentido, é incentivada a elaboração de avaliações comuns expositivas, que priorizem a interdisciplinaridade horizontal por meio de temáticas complementares e de exercícios práticos que envolvem os diversos componentes em cada etapa do curso, levando o estudante a desenvolver um trabalho mais completo e integrado.

AS EXPERIÊNCIAS QUE TRANSBORDAM

As atividades de Pesquisa e de Extensão como parte do processo de ensino-aprendizagem se intensificaram, sendo que estudantes e professores passaram a trabalhar de maneira mais integrada. A abordagem interdisciplinar se fortaleceu com a consolidação das atividades, organizadas conjuntamente com o DAFAM – diretório acadêmico –, direção e coordenações, a exemplo da Semana Viver MetrÓpole, já em sua 18ª. edição (2021), e da Semana de Integração, em sua 4ª edição (2021), reforçando a participação discente na construção coletiva da escola. Soma-se a estas ações, uma série de palestras, mesas, seminários e oficinas realizadas ao longo dos anos.

A Semana de Integração consiste em um evento de imersão acadêmica, realizado anualmente com a finalidade de debater temas emergentes da Arquitetura e do Urbanismo, em estrutura que favorece a troca de experiências e de vivências entre os alunos e professores. O evento é organizado como um grande ateliê vertical, com equipes compostas por discentes de todas as etapas dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design. O objetivo é proporcionar a troca de experiência entre colegas de diferentes etapas por meio do debate dos problemas arquitetônicos e urbanos, além das estratégias conceituais possíveis para sua reformulação e/ou superação. Em suas duas últimas edições, as equipes foram coordenadas pelos estudantes de TFG, com base nos temas propostos para seus trabalhos de conclusão, favorecendo a contemporaneidade e emergência dos assuntos.

A Semana Viver MetrÓpole consiste em um grande evento realizado anualmente desde 2003, com objetivo de aproximar a comunidade da Faculdade e agentes externos. Organiza-se em uma plataforma para a criação de atividades e discussões abertas à sociedade sobre arquitetura, urbanismo, design, arte, cultura, educação e sociedade, com uma programação abrangente e de grande pertinência ao contexto sociopolítico do país. Estudantes, professores e membros da sociedade se mobilizam nos diversos eventos, tais como palestras, workshops, visitas, encontros e ateliês.

Introduzidos no curso em 2013, os Tópicos Especiais foram fortalecidos no novo PPC e são considerados atividades integradoras de aproximação da graduação à pós-graduação e dos grupos de pesquisa, com temas propostos por docentes e doutorandos a partir de demandas dos estudantes. São instrumentos abertos, totalmente desvinculados de conteúdo definidos a priori para os componentes regulares, mas que convergem para a formação profissional ou de aprofundamento cultural, integrando as Atividades Complementares.

Proposta em 2019, a Exposição EXPOFAU+D consiste em uma mostra de todos os trabalhos da escola, destinada tanto ao processo avaliativo e ao diálogo do curso com a sociedade. Em função da pandemia, as quatro últimas edições foram realizadas em vídeos.

A Extensão tem por objetivo promover o diálogo e intercâmbio de conhecimentos junto à comunidade externa. Os programas e projetos de extensão contam com a participação de estudantes e professores dos cursos de graduação e de pós-graduação e têm por princípio geral aproximá-los às diferentes situações socioeconômicas e ambientais, atendendo a demandas da sociedade. São propostos e desenvolvidos normalmente, mas não exclusivamente, no âmbito de estruturas que dão suporte às suas ações, tais como o Núcleo de Pesquisa e Extensão; o Escritório Modelo Mosaico; e laboratórios, como o de Projetos e de Políticas Públicas e o de

Geotecnologias, além dos Grupos de Pesquisa, que os propõem em articulação com a pesquisa aplicada. Cursos de Extensão contribuem para a formação continuada de acordo com demandas da atividade profissional e aprofundam o relacionamento entre a graduação e pós-graduação *stricto e lato sensu*.

Em 2020 professores e estudantes idealizaram o FAU+D Acolhe, um amplo programa de extensão voltado a atender algumas demandas de moradores e agentes de entidades no contexto da pandemia COVID-19 que atuam em territórios vulneráveis, presentes no cotidiano da escola como parceiros nas atividades acadêmicas. A pandemia agravou a situação dessa população e evidenciou a urgência de ações concretas de melhoria desses territórios. Organizado em 4 eixos – Arrecadação, Comunicação, Projeto e Economia Solidária –, o programa promoveu várias ações e projetos em parceria com outras unidades e instituições com vistas ao enfrentamento dos impactos da pandemia, como cozinhas, banheiros, pias e centro comunitários; kits escolares; kit-bebê e mobiliário multifuncional para grávidas e recém-nascidos; face-Shields; programa de economia solidária e material de comunicação comunitária sobre a COVID-19.

A Política de Pesquisa da FAU-Mackenzie define os grupos de pesquisa (certificados pelo CNPq) como meio fundamental para o fortalecimento da relação entre ensino, pesquisa e extensão, bem como para a integração entre a graduação e pós-graduação. Possibilitam aos estudantes da graduação o ingresso no universo da pesquisa e da extensão (via iniciação científica) e a aplicação de aprendizados na sua própria formação. As pesquisas desenvolvidas por meio dos grupos de pesquisa têm contribuído, para além dos assuntos e objetivos da pesquisa, também para a atualização dos conteúdos ministrados nos componentes curriculares.

Atualmente na FAU-Mackenzie existem 20 Grupos de Pesquisa cadastrados no Diretório do CNPq⁶ recebendo apoio de diversas agências de fomento, inclusive da Universidade, por meio do Fundo Mackpesquisa. Os Grupos de Pesquisa organizam-se de acordo com as duas Linhas de Pesquisa do curso e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, a saber: 1. LP Arquitetura Moderna e Contemporânea: Representação e Intervenção. Grupos: A construção da cidade: arquitetura, documentação e crítica; A Paisagem da Cidade Sustentável: arquitetura, ambiente e tecnologia; Arquitetura e Construção; Arquitetura, ensino e profissão; Arquitetura, processo de projeto e análise digital; Arquitetura: Projeto & Pesquisa & Ensino; Estratégias Projetuais em Territórios Urbanos/Degradados e Portuários; Laboratório de Projetos e Políticas Públicas; Cidade e Projeto, produção e gestão da habitação social no Brasil; Sistemas Construtivos na Arquitetura Contemporânea; Teoria e Projeto na Era Digital; Teoria-Projeto: Cultura-Sociedade e 2. LP Urbanismo Moderno e Contemporâneo: Representação e Intervenção. Grupos: Arquitetura e Filosofia; Cidades e Edifícios Sustentáveis; Paradigmas para o estudo de cidades ibero-americanas no século XXI; Projetos Urbanos e Desenvolvimento Urbano Sustentável; Questões Urbanas: Design, Arquitetura, Planejamento, Paisagem; Urbanismo Brasileiro e Ibero-americana; Urbanismo Contemporâneo: Redes, Sistemas e Processos; Verticalização, Projetos Urbanos e Inclusão Social.

⁶ Atualmente o curso conta com 180 professores sendo que 77% contratados em regime integral ou parcial que dedicam parte de sua carga horária a atividades de pesquisa e/ou extensão, orientação de Iniciação Científica e/ou TFG. Vários docentes combinam atuações múltiplas, tanto práticas – junto ao mercado, órgãos de governo e ONGs, como acadêmicas – na graduação e pós-graduação. Esta mescla tem pautado os processos seletivos para contratação de novos docentes, onde tem sido requerida experiência prática profissional e qualificação acadêmica de alto nível.

A Jornada Discente e o Fórum de Pesquisa (em sua 10ª edição), organizados pela Coordenação de Pesquisa, são eventos anuais destinados à publicação e ao debate de pesquisas acadêmicas em âmbito local e nacional, respectivamente.

Dois componentes curriculares da graduação são exclusivamente voltados às formulações de pesquisa: Ciência, Tecnologia e Sociedade, na 3ª etapa do curso, preparando para a Iniciação Científica e Tecnológica; e Metodologia Aplicada à Arquitetura e Urbanismo, na 8ª etapa do curso, voltado ao estabelecimento das bases conceituais que irão confluir na realização do TFG, inserido também âmbito da pesquisa. O estágio docente do aluno da pós-graduação e a monitoria do aluno da graduação são meios importantes para a integração entre os diversos níveis de ensino, a pesquisa, a extensão e as atividades extracurriculares.

ALGUNS PASSOS PERCORRIDOS

A organização da nova trama curricular, dos eixos temáticos, a estruturação dos estúdios e ateliês por atividades e as várias atividades propostas no curso, tais como o TFG; o ateliê vertical da Semana de Integração; a Semana Viver Metrópole; as atividades de experimentação; os componentes optativos, a organização dos Tópicos Especiais, a participação nos Grupos de Pesquisa e as ações de Extensão, juntamente com as demais atividades complementares do curso, contribuem e fortalecem a interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Após quatro anos de implantação do PPC 2017, mesmo com 2 anos em atividades remotas, vários e animadores resultados já podem ser verificados. Sem prejuízo da tradição de força no projeto de arquitetura que sempre caracterizou a escola, as integrações propostas começam a produzir e evidenciar seus frutos: os novos ateliês e estúdios criaram as condições para a implantação de um curso integrado entre as antes separadas disciplinas técnicas, projetuais, urbanísticas, paisagísticas e teóricas, propiciando a oportunidade de compreensão, reflexão e atuação mais ampla e completa dos estudantes.

Os resultados começam a aparecer: estudantes da primeira etapa principiam a desenvolver seus projetos com a desenvoltura da elaboração sistêmica de modelos físicos e sua representação mais apurada e conveniente a uma proposição arquitetônica; estudantes da segunda etapa compreendem os conteúdos de estabilidade e resistência de materiais aplicados a seus próprios projetos, elaborados para áreas urbanas consolidadas; o mesmo para discentes de terceira etapa, que compreendem a fundamentação das instalações no projeto, desenvolvidos para áreas em transformação urbana; estudantes de quarta etapa têm contato, compreendem e planejam intervenções urbanas e arquitetônicas em contextos de áreas precárias da metrópole; temos uma quinta etapa onde o apuro técnico construtivo dos elementos arquitetônicos se soma aos conhecimentos anteriormente adquiridos; uma sexta etapa onde a incorporação de um programa arquitetônico e tecnologia complexos e precisos deve coroar necessidades regionais, paisagísticas e de mobilidade, somados a requisitos completos de conforto e instalações; um sétimo semestre que coloca a cidade e suas preexistências, seus agentes e seu contexto socioeconômico e político como a grande questão projetual da contemporaneidade, se apoiando para tanto em subsídios teóricos arquitetônicos e de infraestrutura urbana; e uma oitava etapa que traz a metrópole, sua regulação, os transportes, a intervenção arquitetônica e paisagística local pensada para a grande escala como questão. Coroa este processo o TFG como o grande momento de conclusão, onde o protagonismo do aluno é levado ao extremo, apoiado por várias atividades orientadas, como projeto, fundamentação crítica e técnica e experimentação.

Muitas dificuldades foram encontradas, inegavelmente, neste momento de eliminação de contatos presenciais. Porém os estímulos advindos das diferentes realidades urbanas e da presença de atividades extensionistas dentro do escopo da construção da escola, além do desenho transversal da trama, feito não somente entre os componentes, mas também pelas atividades estimuladas de pesquisa e extensão, colocou a perspectiva de pensar que o lugar da formação de arquitetos urbanistas, seu conhecimento técnico e sua capacidade propositiva de cunho especulativo e investigativo se atrela, diretamente, à ideia de realidade concreta e noção de pertencimento de mundo.

Este esboço geral está em andamento, apoiado em momentos específicos por outros componentes auxiliares, que complementam conteúdos de saber necessários aos arquitetos urbanistas. Mas é sabido que este processo necessita de aperfeiçoamento constante, que o precise, o apare e o amplie. Um longo caminho a ser trilhado. A mudança de boas práticas antes desenvolvidas isoladamente para atuações mais integradas e cúmplices tem exigido grandes esforços do corpo docente. O cuidado para se conservar conteúdos fundamentais à formação do arquiteto urbanista exige uma atenção e um compromisso alerta e atento. A estratégia para este constante aperfeiçoamento é dada pela organização dos Grupos de Trabalho por etapa, que congrega os professores dos diversos componentes de uma etapa, sobretudo os ateliês de projeto e os estúdios de urbanismo e seus conteúdos integrados, para que juntos formulem, à luz dos contextos propostos periodicamente pelo NDE e pelo Colegiado de curso, as ações conjuntas para alcançar aquele perfil desejado proposto para essa faculdade – generalista, amplo, mas técnico e socialmente responsável –, onde é preciso pensar a interdisciplinaridade e a integração em tempos de tamanha fragmentação e transitoriedade (CAMPOMORI, 2018).

A superação dos antigos departamentos, já há tempos extintos, exige um grande esforço para o permanente avanço e sincronia das sequências verticais de conteúdos, sob o risco de se perder o sentido da formação. Soma-se a este desafio a desejada transdisciplinaridade de um curso contemporâneo, integrado às mais recentes descobertas e avanços tecnológicos e mudanças comportamentais e culturais da sociedade, que exige associações a outras áreas de conhecimento, aos grupos de pesquisa atuantes e porvir e às ações de extensão, implantadas e em fase de expansão e incorporação curricular. No escopo do constante acompanhamento e revisão do PPC, está a pesquisa de outros cursos de Arquitetura e Urbanismo. Em especial em escolas da América Latina, que também alteraram seus PPCs nos últimos anos para que, em panorama de abrangências, seja possível desenhar novos experimentos e diálogos, capazes de promover tantas outras conduções e direcionamentos formativos.

Enxerga-se a ação projetual, técnica e humanística, como instrumento de necessário comprometimento para a formulação de ambientes para a vida. Pela reflexão crítica e propositiva sobre a complexidade dos territórios urbanos, e por meio de fundamentação de questões percebidas empiricamente e amparadas teoricamente, experimenta-se uma metodologia que considera entrelaçamento com os embates cotidianos, a partir da ideia do “espaço como esfera de possibilidade da existência da multiplicidade” (MASSEY, 2008, p. 31). Ainda que por meio de experiências pontuais e, por consequência, de exceção, busca-se alternativas propositivas como ferramenta, aberta e em processo, entendidas como mudança de atitude que visa a investigação sobre outras possibilidades sociais.

Temos, portanto, o lugar de pensar o futuro. A Universidade se apresenta como ferramenta, não só de formação, mas como instrumento que busca contribuir com a reflexão, o debate crítico e a formulação de pensamentos que se comuniquem com a ação efetiva, por meio de elementos concretos, para discutir o direito ao espaço e à cidade como espaço de experiência a ser vivida amplamente por todos.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos colegas do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, dos estudantes do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie – DAFAM, instâncias que participaram ativamente da elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo ao longo de 2017; bem como aos membros do Conselho de Ensino e Pesquisa e do Conselho Universitário da Universidade Presbiteriana Mackenzie pela aprovação da matéria. Ao Fundo MackPesquisa pelo financiamento da tradução do artigo.

Referências Bibliográficas

ALVIM, Angélica Tanus Benatti. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie: desafios e perspectivas para o século XXI. *in* ALVIM, Angélica Tanus Benatti; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; ABRUNHOSA, Eduardo Castedo. **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2017. DOI:<https://doi.org/10.7476/9788582937266>

CAMPOMORI, Maurício. **Aprendendo fazendo:** ensaios sobre o ensino de projeto. Belo Horizonte: Editora da Escola de Arquitetura da UFMG, 2018.

CAU/BR. **Como o brasileiro constrói:** Pesquisa Datafolha CAU/BR. **CAU/BR**, 2015. Disponível em: <https://www.cau.br.gov.br/pesquisa2015/como-o-brasileiro-construi/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

_____. **Censo dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil**. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil 2019a. Disponível em: https://www.cau.br.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Censo_CAUBR_06_2015_WEB.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.

_____. Pesquisa CAU/BR revela perfil profissional dos arquitetos e urbanistas brasileiros. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. **CAU/BR**. 2019b. Disponível em: <https://cau.br.gov.br/pesquisa-cau-br-revela-perfil-profissional-dos-arquitetos-e-urbanistas-brasileiros/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. 1.ed. São Paulo. Editora Autêntica, 2014.

CONFEA. Quem Somos: O conselho. Confea.org. c2021. Disponível em: <https://www.confea.org.br/confea/o-conselho>. Acesso em: 15 jun. 2021.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2013.

_____. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2017. Disponível em https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/5-graduacao/upm-higienopolis/arquitetura-e-urbanismo/PROJETO_PEDAGOGICO_ARQUITETURA_E_URBANISMO_2017.pdf. Acesso em: 10 fev 2021.

FEHR et al. Um projeto pedagógico para um só mundo, complexo e diverso. Mostra e Prêmio Nacional Todos os Mundos. Um só Mundo. Arquitetura 21. **UIA 2021 RIO | 27º Congresso Mundial de Arquitetos**. Disponível em <https://www.uia2021rio.archi/mostra/pedagogical-project-for-unique-complex-and-diverse-world/> Acesso em: 12 dez 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01 set. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapa interativo 2020. **Portal de Mapas IBGE, 2020**. Disponível em: <<https://socecodem-ibgedgc.hub.arcgis.com/app/ac337eeee5164c0daa9c99f8689ad3f8>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1981.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEC. **Ministério Da Educação**. 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 6 ago. 2020.

MORIN, Edgar. Educação na era planetária. **Conferência na Universidade São Marcos**, São Paulo, Brasil, 2005. Disponível em <http://www.edgarmorin.org.br/textos.php?tx=30>. Acesso em 30 ago. 2021.

NEGRI, Antonio; GUATTARI, Felix. **As verdades nômade**s: por novos espaços de liberdade. São Paulo: Autonomia Literária e Editora Política, 2017.

ROLNIK, Raquel. Paisagens para a renda, paisagens para a vida: disputas contemporâneas pelo território urbano. **Revista Indisciplinar**. Belo Horizonte: EA-UFGM. v 5, ano 1, 2019.

SALAMA, Ashraf M. **Transformative Pedagogy in Architecture and Urbanism**. UMBAU-VERLAG, 2009.

SANTOS, Altair. Brasil tem 369 mil engenheiros civis e 202 mil arquitetos. **Portal Itambé**, 2021. Disponível em: <https://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/brasil-tem-369-mil-engenheiros-civis-e-202-mil-arquitetos/>. Acesso em: jun.2021.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SCHÖN, Donald. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

UN-HABITAT. **Urbanization and Development: Emerging Futures**. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme. World Cities Report, 2016. Disponível em: https://cdn.plataformaurbana.cl/wp-content/uploads/2016/06/wcr-full-report-2016.pdf?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em: 20 mai. 2021.

Lucas Fehr

lucas.fehr@mackenzie.br

Angélica Benatti Alvim

angelica.alvim@mackenzie.br

Viviane Manzione Rubio

viviane.rubio@mackenzie.br

Antonio Aparecido Fabiano Jr.

antonio.fabiano@mackenzie.br